



Pensamento simulado, simulacro de pensamento: o intelectual e a crise da reflexão¹

Marcio Acselrad²

Resumo:

O presente trabalho se propõe a analisar um paradoxo que acomete o pensamento reflexivo na contemporaneidade. Hoje o intelectual atravessa uma crise inédita, em que precisa competir por atenção com um sem-número de outros discursos, mais atraentes e coloridos do que o seu. A vanguarda dos acontecimentos encontra-se a cargo dos meios de comunicação, cabendo ao pensamento crítico o papel de um discurso de acompanhamento. Ao mesmo tempo nunca tanto como hoje se produz, publica e divulga informações científicas e críticas, inclusive dentro dos próprios meios de comunicação. Pretendemos, portanto, investigar este misto de descrédito para com o pensamento crítico e valorização do mesmo bem como os impasses provocados por este duplo movimento.

Palavras-chave: Pensamento; Simulacro; Meios de comunicação; Crise; Intelectual; Reflexão

Abstract:

The present work intends to analyse a paradox facing reflexive thought. Nowadays the intellectual suffers from a crisis, having to compete with a number of other discourses, more attractive and colorful than his own. The mass media has become responsible for saying what is or is not true and the critical thought has been transformed in a secondary discourse. At the same time, never before have we produced so much knowledge. We publish and spread scientific knowledge as if nothing was happening, using even the media to do so. We intend to investigate this mixture of lack of credit and valorization of critical thought as well as the impasses provoked by this double movement.

¹ Texto apresentado no GT Comunicação e Cultura do IX Seminário Internacional da Comunicação "Simulacros e (dis)simulações na sociedade hiper-espetacular" da PUC- RS em Outubro de 2007.

² Doutor em Comunicação pela UFRJ e Professor Titular de Teoria da Comunicação e de Estética da UNIFOR, Universidade de Fortaleza. Coordenador do Cineclube Unifor, atividade de extensão universitária e do programa homônimo da TV Unifor. Coordenador do LABGRAÇA - Laboratório de Estudos do Humor e do Riso, grupo de pesquisa vinculado à UNIFOR em funcionamento desde 2002. email: macselrad@gmail.com





Key Words: Thought; Simulacra; Mass Communication; Crisis; Intellectual; Reflection

Introdução

O final do século dezenove viu surgir um período inédito na história do pensamento. Trata-se da experiência da perda dos fundamentos e referências que davam suporte a todo o modo de pensar ocidental. Pela primeira vez desde que iniciara a aventura metafísica, o homem pôde se experimentar como desprovido de uma base de sustentação sólida. Não se quer dizer com isto que até então não houvesse críticas a estes princípios e que eles sempre tenham sido aceitos passivamente. Vários foram os pensadores com a coragem de enfrentar a verdade estabelecida, muitos dos quais com o sacrifício das próprias vidas. A novidade é que, no século dezenove, não se trata mais apenas de críticas esporádicas mas da radical experiência de que o fundamento pode não existir mais. As crenças de diversas ordens, e a última delas, a crença no poder absoluto da razão, começam a ser dissolvidas e tem início então a experiência de um sem fundo, da falta de uma identidade primordial que dê sentido à existência.

O papel da filosofia, recuperado principalmente por Nietzsche, é o de jamais parar de fazer perguntas, portanto de não respeitar nenhuma ordem estabelecida, de duvidar de tudo e de todos. Assim, privado de qualquer apoio metafísico, tornou-se necessário reaprender a ver o mundo e recriar a ética. A aventura do romantismo, filosofia da natureza e do homem que criticava o racionalismo das luzes, fez triunfar a imagem sobre o conceito e o impulso passional e instintivo sobre o pensamento lógico. O testemunho mais cru desta substituição, segundo Octávio Paz, é o automatismo da associação de idéias, regido não pelo ritmo cósmico ou espiritual mas pelo acaso. (PAZ, 1990) Perdendo o ritmo cósmico e depois a racionalidade cósmica, o homem ganha a potência avassaladora do acaso. Perdendo a lógica da história universal, ganha a responsabilidade





sobre o acontecimento, aprendendo que o sentido não há, mas que está sempre para ser criado.

A perda de identidade experimentada no final do século dezenove evidencia a falta de um padrão unitário, de uma ferramenta que permita a boa medida. Pode-se vislumbrar aí já um prenúncio da perda do real e do advento da era da simulação que será vivenciada com mais força no século vinte. O século dezenove inicia, pois uma experiência radical, em que "o problema do fundo foi afundando, afundando até perder o pé". (CARNEIRO LEÃO, 1992, p. 31)

Com a entrada em cena do pensamento positivista, a lógica, uma das ferramentas de que a filosofia dispunha, ganha cada vez mais autonomia, migrando para o lado da ciência e tornando-se cada vez mais uma instância de puro cálculo. Isolada do restante da filosofia, a lógica não corre mais riscos uma vez que se torna um procedimento técnico automatizável. O mesmo se dará com a constituição da subjetividade humana, apaziguada por fórmulas operacionais, esquemas de mediação e padrões de comportamento massificados. A vida controlada não oferece problemas mas tampouco dá chances de exercer sua criatividade. Deixa, assim, de ser uma questão, um jogo com o futuro, passando a ser resolvida de antemão, repetição do passado.

Hoje em dia vivemos o paradoxo em toda a sua plenitude. O pensamento crítico está em crise não por que não se critica mais. Ao contrário, talvez nenhuma outra época tenha sido tão atravessada por críticas. Todos criticam. Os jornalistas criticam, os intelectuais criticam, mesmo o homem comum aprendeu a criticar. O problema é que a crítica não parece mais fazer diferença. Já está a tal ponto incorporada à sociedade do espetáculo que esta não mais a teme. A crítica está sob controle. Tudo está sob controle. Fala-se demais, é verdade, mas isto parece surtir cada vez menos efeito.





A contemporaneidade e a crise dos valores iluministas

Consideramos os pressupostos do iluminismo como o ponto de partida para que a humanidade pudesse alcançar a maioria e a independência, que pudesse levar o pensamento crítico a seus últimos limites, chegando finalmente a descobrir o real significado da palavra liberdade. Tratava-se de um projeto que envolveria tanto a esfera pública quanto a esfera privada, tanto a construção levada a cabo pelo artifício humano de uma vida coletiva com vistas ao bem comum quanto a felicidade e o bem estar individuais de cada um dos seus membros. Esta, talvez a mais radical e revolucionária proposta que o homem ocidental jamais se colocou, o projeto mais ousado de todos quantos já foi capaz de produzir, só se poderia realizar caso o homem tivesse a coragem de ousar, de tentar ir além de sua cotidianidade e questionar o mundo em que vive, de novamente filosofar. *Sapere aude*, ousava dizer Kant.

Universalidade, individualidade e liberdade eram os três pilares de sustentação do projeto pedagógico iluminista, que tinha na razão e na ciência seus princípios de realização mais adequados. São estes pilares justamente que, segundo Rouanet (1992), estão em crise. O autor aponta alguns motivos que podem nos ajudar a pensar a questão: o universalismo se vê sabotado por particularismos de todas as espécies, sejam nacionais, étnicos ou religiosos. Nossa época vê ressurgirem (teriam eles de fato desaparecido em algum momento?) o racismo, a xenofobia, a irracionalidade generalizada, a intolerância para com a alteridade e a enorme dificuldade de uma racionalidade, que não a do capitalismo, se instituir. A comunicação, imprescindível para se pensar a ética, passa a ser figura rara, reduzida à sua esfera meramente informacional a cargo de megacorporações midiáticas que têm no lucro seu motor primeiro. Comunicar deixa de ser comungar, participar de um processo ético e racional de produção de sentido e passa a ser mera troca de sinais.





A individualidade por sua vez submerge no anonimato do conformismo e do consumismo. O que determina a individualidade na sociedade pós-iluminista não parece ser a singularidade mas a capacidade de adquirir produtos. Não pensar o que está para ser pensado mas comprar o que se apresenta para ser comprado. Se a categoria jurídica do cidadão, tendo por base o pensamento iluminista, visa fortalecer o indivíduo como instância decisória, a categoria econômica do consumidor, embasada pelo sistema capitalista, visa justamente enfraquecê-lo, fragilizá-lo para poder melhor exercer o controle sobre ele. É o hiper-individualismo contemporâneo, que já parece de há muito ter substituído a individualidade iluminista. Não há nada mais contrário a este do que o indivíduo instrumentalizado, transformado em meio de reprodução de um sistema econômico, objeto de uma racionalidade alheia e distante e portador de uma pseudo-liberdade consumista e pecuniária.

Quanto à autonomia, a capacidade de pensar livremente sem tutelas, esta se vê às voltas com um mundo reencantado. O pensamento iluminista serviu em grande medida para produzir um desencantamento do mundo, a *Sinnverlust* weberiana. A natureza passa, a partir de então, a ser vista em sua objetividade empírica e não mais como o lugar do maravilhoso, onde fenômenos mágicos podem acontecer. Hoje vivenciamos o retorno de duendes, fadas, e magos que disputam a audiência com padres, pastores e pregadores em geral, espécie de retorno ao medievo pré-moderno a desmentir qualquer possibilidade de autonomia intelectual. Palavras como cultura e erudição, por exemplo, passam a ser vistas com maus olhos. O jornalista Artur Dapieve descreve um quadro em que "intelectual, isto é, todo aquele que lê ou escreve livro, ganhou inequívoca conotação pejorativa". (DAPIEVE, 1999)

Uma tal postura não é nova, em absoluto, o que se pode perceber na seguinte anedota envolvendo o historiador Alexandre Herculano. Conta-se que, ao ser perguntada





sobre os hábitos de seu patrão recém falecido, sua criada de muitos anos teria respondido: "O senhor Herculano era um grande preguiçoso: passava os dias a ler e a escrever. Não fazia nada".

Mas não sejamos preconceituosos com as classes menos favorecidas. Também entre os mais abastados há quem acredite que os livros e a leitura são maléficos e seu acesso deveria ser restrito aos iniciados, livrando o restante da sociedade de seu poder corruptor. O diálogo que se segue foi travado, na ficção de Lima Barreto, entre grandes figuras da melhor sociedade carioca.

- O Quaresma está doido.

- Nem se podia esperar outra coisa - disse o Dr. Florêncio. Aqueles livros todos, aquela mania de leitura...

- Pra que ele lia tanto? - indagou o Caldas.

- Telha de menos. - disse o Florêncio.

- Ele não era formado, para que meter-se em livros? Isso de livros é bom para os sábios. - observou Sigismundo.

- Devia até ser proibido - disse Genelício - a quem não possuísse um título "acadêmico" ter livros. Evitavam-se assim essas desgraças. Não acham? (BARRETO, 1997, p.48)

A diferença, talvez, esteja no fato de que hoje esta postura passa a ser não marginal mas hegemônica. Viveríamos, assim, em uma era como a descrita por Russel, em que pessoas tolas acham que sabem muito. No império dos meios de comunicação de massa, criadores do mito moderno da informação simulada mas aceita sempre como





verdadeira e substituidor de formas tradicionais de sociabilidade, uma premissa parece ser onipresente: entre acreditar e pensar, é preferível acreditar, a mais fácil, a mais imediata, a mais segura alternativa.

Com a derrocada da última utopia política da história (até o momento), aquela levada a cabo pelo pensamento marxista, o intelectual se vê diante de um impasse, de um paradoxo bem descrito por Bobbio:

Sobre os intelectuais abateu-se hoje em dia um descrédito geral. Mas se quem afirma isso é um intelectual, ou acredita ser ele uma exceção, e portanto não é verdade que o descrédito golpeie a todos, ou também ele está em descrédito, e assim nenhum valor pode ser dado ao seu juízo. (BOBBIO, 1996 p. 10)

Hoje o intelectual atravessa uma crise inédita, em que precisa competir por atenção com um sem-número de outros discursos, muitos dos quais mais atraentes e coloridos do que o seu. A vanguarda dos acontecimentos encontra-se a cargo dos meios de comunicação e de uma miríade de máquinas e aparelhos, cabendo ao pensamento crítico tão somente acompanhar estas mudanças, aguardando uma oportunidade de, quem sabe, retomar seu posto avançado.

E no entanto continuam os intelectuais a trabalhar com a mesma convicção de que seu papel ainda faz diferença, de que sem eles o mundo seria um lugar menos interessante. Persistem quer na busca da verdade quer em seu questionamento; seguem tendo apreço pelas palavras e por seu mágico poder de encantamento; insistem em aperfeiçoar o mundo e esclarecer os homens sobre sua condição de falantes e pensantes. São teimosos e não abdicam de uma tarefa cada vez mais considerada inútil e obsoleta, além de mal remunerada. Insistem mesmo quando o resto do mundo não se importa, talvez porque não saibam ou não possam fazer diferente.





No conto "O bom brâmane" Voltaire pergunta: o que vale mais: a feliz ignorância da grande maioria das pessoas, que não entendem nem mesmo porque o filósofo se lança ao estudo do que não conhece e caçoam dele, ou sua angustiante e inexplicável busca, por vezes sinônimo mesmo de infelicidade, uma vez que os que raciocinam não têm nunca a certeza de fazê-lo corretamente? Ao se ver diante desta questão, o sábio brâmane não pode responder outra coisa senão o que se segue: "Já disse a mim mesmo mil vezes que eu seria feliz se fosse tão tolo como a minha vizinha e, no entanto, não desejaria tal felicidade. (...) Se damos valor à felicidade, damos ainda mais valor à razão". (VOLTAIRE 1994, p. 59)

Deleuze já alertava que "os homens pensam raramente" para mais adiante completar: "O homem sabe pensar, tem a possibilidade disto, mas este possível não garante a capacidade. O pensamento só pensa coagido e forçado, em presença do que dá a pensar, do impensável ou não-pensado". Ao ser provocado, ainda que desejasse, o pensamento não poderia se esquivar e preferir o caminho fácil da ignorância. (DELEUZE, 1998, p. 220 e 238)

A modernidade enfrenta ainda outros problemas resultantes de seu próprio desenvolvimento racional. A dominação da natureza, conseqüência do desencantamento e da dessacralização, traz consigo a aposta em um crescente controle do mundo mediante o acúmulo de conhecimento científico e tecnológico. Hoje vemos um curioso efeito colateral deste projeto.

Segundo Giddens, o fracasso do projeto iluminista de emancipação da humanidade redundaria no seu auto-cancelamento, posto que aquele acúmulo de conhecimento gerou ele próprio crescente incerteza e mutabilidade. Os riscos agora são produzidos pelo próprio engenho humano, o que exige uma urgente mudança no relacionamento da cultura com a natureza. A questão ecológica emerge com força, exigindo o reparo de





danos feitos ao ambiente. A natureza se revolta contra a dominação imposta, grita e exige ela também seus direitos. (GIDDENS *apud* DOMINGUES, 1999, p. 215) Curioso é que não se pode esperar uma solução para o problema da ecologia a não ser por uma nova aposta no pensamento racional. É só a partir de uma nova forma de racionalidade, portanto de um desenvolvimento maior da própria ciência, e não de um voltar atrás para uma supostamente idílica era pré-científica, que se resolverão problemas como o efeito estufa ou a destruição de mares e florestas.

O projeto iluminista tem uma outra característica que não pode ser relevada e que diz respeito à temporalidade: o iluminismo consiste em encarar o presente como ruptura e como tarefa mais que como ponto em uma sucessão cronológica, isto é, como "crítica permanente de nosso ser histórico". (FOUCAULT, 1994, p. 571)

Utilizando Baudelaire como exemplo da atitude moderna, Foucault pensa uma certa transfiguração respeitosa do real, uma espécie de paradoxo pois que não se trata nem da anulação do real nem de sua aceitação incondicional mas sim do jogo difícil entre a verdade do real e o exercício da liberdade. "A modernidade baudelairiana é um exercício onde a extrema atenção ao real é confrontada com a prática de uma liberdade que ao mesmo tempo respeita e viola o real" (Idem, p. 570)

Seria de se esperar, a se crer nos próprios princípios progressistas do iluminismo, que não haveria possibilidade de retrocesso neste encaminhamento histórico. Uma vez conquistada a liberdade e a autonomia não haveria modo de se abrir mão destas, já que os homens, ao experimentarem as imensas possibilidades abertas à razão pelo exercício pleno de suas faculdades, não iriam nunca retroceder em seu comportamento e agir como se o iluminismo não tivesse existido. Voltaire dizia que, no momento em que descobrisse o que é a liberdade, jamais o homem voltaria a se assujeitar.





Assim uma vez instaurada a modernidade, com seu ideal de iluminação, todas as atitudes de contra-modernidade seriam 'coisa do passado'. Não foi exatamente o que sucedeu, e podemos mesmo definir nossa era atual como eminentemente contra-moderna, já que o presente não é encarado como tarefa, perspectiva que engloba a presença da alteridade e do futuro como diferença, mas antes é visto como puro fluir, lugar onde se desenvolve o mais desconectado dos modos de ser humano: o hedonismo, em que o homem se vê preocupado tão somente com seus interesses privados e imediatos e se nega a enfrentar o laborioso exercício da liberdade, preferindo antes que o sistema decida por ele. Curiosamente é de uma premissa iluminista, aquela segundo a qual quanto mais informação tivermos melhor aptos estaremos a decidir pelo futuro desejável, a que apresenta o maior paradoxo da contemporaneidade. Bombardeados incessantemente por informações pelos mais variados meios, nos vemos incapazes de uma decisão coerente e precisa. O pensamento enciclopédico sugerido pelo século XVIII transformou-se em simulacro e excesso.

A busca de felicidade, que só podia ser pensada como a um tempo individual e coletiva, se banaliza no culto do prazer puro e hiperindividualista. Tudo o que diga respeito a uma saída de si, um afastamento do puro prazer egóico e a um colocar-se no lugar do outro é visto não só como desinteressante mas como desnecessário e inútil. O descentramento sofrido e necessário para o amadurecimento da humanidade, que teria que passar pela experiência do vazio e da perda de todas as referências externas, por um mergulho em si mesma, se vê anulado por uma espécie de recentramento tecnológico-midiático ao mesmo tempo que mítico-religioso que tem o efeito de liberar o homem do mais difícil privilégio proposto pela modernidade: o convite de se pensar e agir por si mesmo, com base em princípios gerais e abstratos aplicados a situações concretas e particulares.





Segundo Domingues, a modernidade parece ter chegado a um impasse fundamental no momento presente. Se por um lado logrou realizar boa parte daquilo que pretendia, ainda que de maneira restrita e seletiva (deixando de atender, portanto, ao princípio de universalidade), chega aos tempos atuais tendo perdido muito de sua dinâmica contraditória. A derrota do socialismo e a crise do gerenciamento estatal e da razão individual deixaram ao mercado a tarefa de ser o único ordenador da vida social. O mundo da vida cotidiana se viu invadido por novos sistemas de auto-regulação da existência que, ao invés de permitirem o surgimento de modos autênticos de subjetivação, terminaram substituindo os antigos sistemas, passando a reproduzir uma cultura já dada e dispensando os indivíduos da criação de um sentido para a vida e para a ação. (DOMINGUES, *op. cit.*, p. 203)

Com isso observou-se também uma crise do pensamento dialético. Enquanto as ciências da natureza se descobrem envolvidas por propostas como a teoria do caos, que apresenta uma nova noção do que sejam conhecimento, equilíbrio, criatividade e organização, as ideologias contemporâneas têm freqüentemente se esquivado dessa possibilidade, optando pelo pensamento único e tecno-burocrático em detrimento do dialógico.

O resultado inevitável disso é o fechamento do horizonte histórico. Se a modernidade projetou-se como eminentemente dialética, em sua imagem prometeica da luta do homem pela liberdade e pelo progresso, superando contradições e obstáculos continuamente, o tempo presente, ou por acreditar tê-la realizado ou por renunciar a ela tem repetidamente afirmado sua irrelevância. (Idem)

Segundo esta perspectiva pessimista, da qual tendemos a discordar, estaríamos testemunhando o término do projeto moderno e sua dissolução no puro presentismo, seja por sua realização última na forma da economia de mercado, seja pela desistência de





se levar a cabo uma tarefa percebida como irrealizável. Já teríamos, assim, aproveitado tudo que a modernidade tinha a nos oferecer e ela poderia, portanto, ser descartada em nome de sua sucessora mais imediata, a pós-modernidade.

Na era do individualismo utilitário burguês, era de imagens e simulação, o sujeito é visto mais do que nunca como um produto. Produto do meio, da história, do acaso. Produto do capital, do desejo do outro, da mídia. Um produto capaz de se auto-reproduzir e expandir, um *advertisement* perpétuo de si mesmo, alguém que tem sempre e a todo instante que vender uma imagem: a de alguém que sabe (o que quer), que pode, que consegue. A comunicação então passa a se dar como a troca de simulacros e o paradigma da verdade, tão caro a eras anteriores, é substituído pelo da eficácia, dos resultados práticos obtidos.

Passa a importar pouco o *que* está se passando, o *como* sendo de muito maior interesse. Mais efeitos, menos conteúdos. Pesquisas mostram que quando se assiste televisão na companhia de outros membros da família, independente do tipo de programação, as pessoas relatam que se sentem menos nervosas, menos desafiadas, menos ativas e mais descontraídas. No dizer de Muniz Sodré, "não se vê nada na TV. Se vê TV". (SODRÉ, 1984, p. 38)

É aí, neste 'entre' que penetra o capitalismo, recheando, dando sentido a um meio vazio, isento de opinião e responsabilidade. No capitalismo, como na mídia, o recheio é o que menos importa. Aqui mais do que em qualquer outro sistema, o meio é a mensagem. Uma mensagem-mensagem, como no trocadilho de McLuhan, uma mensagem qualquer rapidamente substituída por outra numa espiral inflacionária de produção de seres efêmeros.

Na atual etapa do capitalismo, sistema que, por tudo o que foi dito, chamamos de 'contramoderno', a razão é toda ela voltada para a obtenção de fins pré-determinados





não segundo sua beleza, justiça ou verdade mas segundo sua lucratividade. A razão aqui é a mera capacidade de adaptação a fins já instituídos pela racionalidade do sistema. Assim é que o sistema pode ser pensado como midiático, uma vez que a razão instrumental é aquela que calcula os melhores meios para se alcançar um fim e não aquela que questiona e pondera sobre os fins que justificam estes meios. Esta instrumentalização não se apresenta apenas nas altas esferas do sistema mas passa a conviver de perto com a existência cotidiana, moldado a subjetividade, a forma de socialização e os valores.

Contra-moderna é a atitude em que o outro já não faz mais diferença, podendo portanto perecer sem que isto coloque em risco o todo do sistema. Trata-se do 'princípio do mal' de que tratamos anteriormente. O sistema não só é conivente com esta atitude como trata mesmo de reforçá-la de formas variadas, oferecendo premiações e promoções, privilegiando aqueles indivíduos capazes de colocarem os interesses do próprio sistema acima de interesses de classe, grupo social, solidariedade humana, etc. Assistimos pois a uma hipertrofia da esfera individual, esta mesma que era parte constituinte mas não única no processo iluminista, em detrimento de todo bem comum. Nossa época não vê como problemática a existência da felicidade privada em meio à infelicidade geral. Ao contrário, aquela é tão somente sinal de prosperidade e sucesso, significando que quem dela goza é um vencedor, alguém que conseguiu galgar os degraus com o suor de seu rosto (ou dos outros, tanto faz) e sobressair-se em meio à multidão, nada devendo aos que ficaram pelo caminho.

A esfera de participação legítima em que a comunicação desempenhava papel importante, em que cada um podia e devia ser visto e ouvido, em que opiniões eram formadas e transformadas passa a ser obsoleta, perdendo-se em meio a um gigantesco sistema de comunicação midiático em que cabe a uma minoria produzir a informação e





o entretenimento que serão consumidos pela maioria. Troca-se consciência, autonomia e liberdade por posição, ascensão, lucro ou, na falta destes, por diversão, lazer e informação.

Assim instaura-se uma situação curiosamente paradoxal: os indivíduos têm consciência de serem livres enquanto são avassalados pelo sistema. Têm portanto apenas a consciência da liberdade sem de fato poderem exercê-la. Elimina-se a autonomia e a liberdade do jogo, embora elas permaneçam como palavras vazias na mente dos indivíduos, reduzidos ao papel de produtores e consumidores. O capitalismo substitui com folga os ideais do iluminismo pelo desejo de ascense não mais intelectual ou mesmo afetiva mas econômica e social, não mais a construção do bem público mas a exacerbação do bem estar privado.

O homem médio se vê colocado diante de um mundo técnico, acreditando ser este um produto da natureza. A caracterização que dele faz o filósofo espanhol Ortega y Gasset é a de um ser ingênuo e ao mesmo tempo ingrato, pois que não pensa nunca no que esteja além de seu limitado campo de visão. Preocupa-se tão somente com a livre expansão de seus desejos pelo consumo, no que o capital passa a exercer papel fundamental e apaziguador. Assim Ortega diagnostica o desaparecimento da solidariedade e da atitude desinteressada entre nós. O homem contemporâneo vive sua vida como se não dependesse de ninguém, como se o mundo urbano fosse naturalmente construído para ele. (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 100)

Com o desenvolvimento do capitalismo, aparece o *slogan* "você também pode ser diferente", presente em quase todas as campanhas de *marketing*. Apresenta-se pela primeira vez de forma explícita o paradoxo do ser diferente sem transgredir regras. Resolve-se a questão das demandas por diferença que o surgimento da modernidade irá acarretar. Participar de seu jogo, utilizar suas ferramentas e regras, traz a felicidade na





Terra, da mesma forma que o jogo do cristianismo culminara com a promessa de vida e felicidade eternas. Capitalismo e cristianismo, usando regras distintas mas semelhantes (o poder de convencimento por promessas utópicas, seja da eternidade *post-mortem*, seja da produção de um universo de consumo infinito) alcançam um mesmo objetivo: perpetuar a manipulação dos indivíduos, vinculandoos a um conjunto de regras dos quais estes acreditam não poder prescindir. O ideal moderno da liberdade é logo substituído pelo mundo da necessidade, do vício e da falta. Surge o rebanho mundial integrado pela nova religião secular.

Um trunfo, uma informação não difundida: qual o preço a ser pago por esta crença na felicidade do capital? O que se perde ao aceitar incondicionalmente que as leis que vigoram são as da funcionalidade total e da compra e venda? Tudo se conhece, se espera que aconteça de determinada forma, tudo é previsível. O que não se prevê simplesmente não existe, não é considerado. Todo real é funcional. Escamoteado sob um futuro ideal de liberdade e autonomia, o que se difunde na realidade é a política do conformismo e da aceitação do lugar a ser ocupado. Após surgir nos ventos da mudança, da transformação do mundo real em um mundo ideal, a modernidade acaba por se tornar a figura mesma da imutabilidade e da delegação de poderes.

No capitalismo, o inútil perde valor. Aquilo que não serve para nada, ou passa a ter serventia ao ser comercializado (a ser reterritorializado, como a arte, por exemplo) ou deixa de vigorar, passa a ser marginal (como o ócio, a loucura ou mesmo a filosofia). Qual o possível lugar a ser ocupado pela filosofia neste mundo sem ética nem lei além da do mercado? Robert Kurz diz que a filosofia, que já foi amor à sabedoria na Grécia e perspectiva de libertação da humanidade na modernidade, hoje passa por uma crise inflacionária em que "alucinações pessoais, métodos de ginástica ou lavagem de cabelo passam a ser definidos como filosofia". Atinge-se assim a forma mais baixa do





pensamento humano, embora para o capitalismo isto seja a última palavra em sabedoria. Filosofia agora não é conhecer nem transformar, mas antes significa a doutrina de vender bem, "uma perspectiva em que longo prazo quer dizer no máximo 10 minutos". (KURZ, 1996)

Hoje o valor universal encontra-se em crise, pois não possuímos mais uma idéia única de Deus ou de bem. Se ambos continuam existindo, perdeu-se, no entanto, sua principal característica enquanto produtores da lei: a universalidade. Deus não morreu propriamente, apenas tornou-se instância individual. Deixou de ser fundamento, passa a ser questão pessoal. O bem não deixa de existir, deixa de existir a idéia de que o bem é coletivo ou não é nada. Hoje já convivemos com a idéia de que há um Deus e um bem para cada um. Cada um tem seu próprio centro de gravidade, isto é, seu próprio sistema de valores, sua verdade, sua filosofia. Quando tudo é filosofia, então nada o é. O mesmo, aliás, pode ser dito a respeito da comunicação. Este o momento em que ambas precisam ser reinventadas.

Mas não se deve simplificar demasiadamente as coisas, principalmente no que tange à questão dos meios de comunicação. A mídia é, certamente, uma ferramenta poderosa e assume tanto a função de sujeito quanto de objeto deste sistema de poder. Mas o controle dos meios de comunicação não pode ser suficiente para produzir espíritos apaziguados. Se assim fosse não haveria voz alguma a se levantar contra ele e viveríamos em uma sociedade catatônica como a de "1984", de Orwell. O que se vê, ao contrário, é que o sistema não é à prova de críticas e jornalistas, intelectuais, artistas e blogueiros ainda se preocupam em apontar suas falhas e abusos. A influência da mídia sobre a população é grande, mas não é absoluta e muito menos um fenômeno simples, como acreditavam os criadores da teoria da agulha hipodérmica ou da frankfurtiana tese da





indústria cultural. Hoje é sabido que a recepção é parte importante do processo comunicacional e que ela nem sempre padece de passividade crônica.

E apesar disto, o pensamento crítico está em crise. Esta, como procuramos demonstrar, não é decorrência de uma ausência. Ao contrário, talvez nenhuma outra época tenha sido tão atravessada por críticas. Todos criticam. Jornalistas criticam, intelectuais criticam, mesmo o homem comum aprendeu a criticar. O problema é que a crítica não parece mais fazer diferença. Já está a tal ponto incorporada à sociedade do espetáculo que esta não mais a teme. A crítica parece estar sob controle. Tudo parece estar sob controle. Fala-se demais, é verdade, mas isto parece surtir cada vez menos efeito sob a forma como as coisas se dão. E os intelectuais continuam falando, escrevendo e publicando para si próprios.

Referências Bibliográficas

BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Editora moderna, 1997.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Unesp, 1996.

CARNEIRO LEÃO, E. "Os desafios da informatização" In: ____ *Aprendendo a pensar volume II*. Petrópolis: Vozes, 1992.

DAPIEVE, A. "Vocação para a burrice", O Globo, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1999, Segundo Caderno.

DELEUZE, G. "Póst-scriptum às sociedades de controle" In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOMINGUES, J. M. *Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea*. Coleção Typographos. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.



